Resumo e conclusão

Manoel Bomfim

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BOMFIM, M. Resumo e conclusão. In: *A América latina: males de origem* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 263-291. ISBN: 978-85-99662-78-6.
<https://doi.org/10.7476/9788599662786.0007>.

This work is free of known copyright restrictions. <http://creativecommons.org/publicdomain/mark/1.0/>

Este trabalho está livre de restrições de direito de autor e/ou de direitos conexos conhecidas.
<http://creativecommons.org/publicdomain/mark/1.0/>

Esta obra está libre de restricciones conocidas de derechos autorales. <http://creativecommons.org/publicdomain/mark/1.0/>

RESUMO E CONCLUSÃO

Organizar a democracia, fazer dela uma realidade; e para isto abrir a todos o acesso à vida espiritual, e levar todos os homens à consciência e à liberdade; achar uma forma de civilização sem escravos, sem bárbaros, do qual todos colaborem – eis aí o ideal novo.

G. Seailles, Educação e revolução

Em face à civilização, na marcha em que ela vai, e como a conduzem, os povos não têm muito o que escolher: ou participam do trotar geral, ou são esmagados. A América Latina está ameaçada; a civilização transborda sobre ela, e esse transbordamento será uma ameaça e um perigo, se ela, por um esforço consciente e metódico, não buscar a única salvação possível: avançar para o progresso, entrar no movimento, apresentar-se ao mundo, vigorosa, moderna, senhora de si mesma, como quem está resolvida a viver, livre entre os livres. A este progresso se opõem males antigos; é mister conhecê-los e conhecer as suas causas essenciais. A natureza e a origem dos males nos indicarão o remédio. Desprezemos dissertações e preceitos formulados à distância; demos férias aos doutores e mais oráculos – economistas e sociólogos que não se cansam de disparatar, doutrinando a nosso respeito; esqueçamo-los, e voltemo-nos para o principal.

Voltemo-nos para estes povos, abandonados por aí, atrasados, nulos. Observemo-los, tristes e resignados, ou revéis e convulsos – e sempre miseráveis, ao lado de uma natureza compassiva e úbere. É o bastante para afirmar a convicção de que o mal é fundamental, orgânico, e vem da herança, da educação social e política, das próprias condições da nossa formação: a opressão parasitária, que logo dividiu as populações coloniais contra elas mesmas, e as conduziu a esta quase incapacidade para o progresso, afundando-as na ignorância, perturbando-as, pervertendo-as, à proporção que nasciam e se desenvolviam. Basta observar, sabendo observar, penetrando o nevoeiro das aparências, dominando o desencontro dos detalhes, para achar o fundo sólido das causas reais. Observação difícil e geralmente incompleta. Uma sociedade é um fenômeno vasto demais; para dominá-lo, no conjunto das suas manifestações, é preciso que o

espírito se sobreponha a si mesmo, e não se deixe nunca tentar nem absorver por uma série de efeitos. No entanto, a tentação é por vezes irresistível, na vida e na própria natureza.

Por uma tarde de luz, subi a uma destas pontas de granito, que irrompem, aqui e ali, na linha suave das nossas costas, e, lá de cima, entregai-vos ao espetáculo. Ao longe, o mar, deserto e puro, sob a curva azul e profunda do infinito sensível, que a vista confunde, adiante, na imensidade das águas... Em torno, a vaga ruge, salta, dança, reflui, numa fúria alegre ou terrível, uma após outra, a escalar o penedo impassível, atirando para o ar agitado e quente a poeira úmida da sua salsugem, mordendo aqui a trama áspera do *gneiss*, lambendo ali a areia fatigada, amontoando estrépitos e sussurros, num fragor contínuo, que se perde nessa névoa de luz, suspensa ao longe, do chalote das águas para o verde das terras: golpes e ímpetos da vaga irreprimível, repetida e sempre nova, arrancando-se violenta ao abismo, para voltar ligeira e mansa, uma teia de espuma no dorso, até encontrar a outra, que lá vem sôfrega, irritando-a, fazendo-a erguer a crista luxuriante, que se despende como uma lâmina... Movimento, cor, som e luz – uma agitação encantadora ou temível, mas sempre bela. Agora, aparece um retalho de lenho, estilha de tempestades longínquas, uma carcaça a boiar sem vida, frangalhos de algas despedaçadas, abandonados à loucura da onda... pontos que a vista acompanha interessada; vão, vêm, entrechocam-se, ora ligeiros, ora incertos; e insensivelmente, se apodera deles a imaginação; dir-se-ia que a vaga não se agita, e corre, e salta senão para eles; o seu giro esconde o resto do espetáculo, que nos parece, então, um frenesi inexplicável...

Mas, se tentamos uma observação mais íntima do fenómeno, e buscamos interpretá-lo efetivamente, penetrando a sua profundidade, não nos tarda reconhecer que toda essa agitação, encantadora ou formidável, o colorido da paisagem, esse estrépito sem fim, a fúria sempre renovada, a poeira úmida e a névoa iluminada, a teia de espuma, a estilha de lenho, arrancada a naufrágios em tempos que se perderam... tudo isto é superficial, são parcelas de efeitos, aspectos infinitos de um fenómeno único, que ali está, em toda a sua harmonia – o mar, cuja vista complexa e imensa nos impressiona de mil modos, e nos aparece diversa e nova em cada um desses mil efeitos, que, no entanto, procedem de uma mesma energia. A sociedade é o oceano; a energia que a convolve e lhe sacode as vagas, é este surto para a vida, instintivo no íntimo de cada indivíduo. Impossível compreender a

fúria e o atropelo das ondas, o estrépito do seu vozear, ou a poeira que se levanta dos embates contínuos, num ou em outro oceano, se se perde de vista o fenómeno total, as suas energias primeiras – as forças que empolam as águas, as necessidades e tendências que impelem as sociedades e as agitam...

Contemplemos ainda uma vez estas sociedades, qual nos aparecem agora, e qual se mostram na história.

Nasceram do assalto a este continente e do estabelecimento violento e transitório dos aventureiros ibéricos, devorados de cobiça, sequiosos de riqueza, vivendo de guerras e depredações desde muitos séculos. Não tiveram outra razão de ser as colônias de espanhóis e portugueses. Sonhavam conquistas para haver tesouros; acharam o novo mundo, e atiraram-se a ele como ao sonho realizado. Ferozes e insaciáveis, só queriam enriquecer; onde encontraram nações constituídas, civilizações feitas, riquezas acumuladas, tudo destruíram na fúria do saque. Aí, como por toda parte, lançaram-se aos naturais da terra, escravizaram-nos, e não pouparam crueldades para arrancar ao trabalho desses infelizes a riqueza apetecida. O indígena defendeu-se; impelido por uma incoercível necessidade de liberdade, indiferente à dor e à morte, o aborígene repeliu a civilização do cativo; uma luta tremenda se ascendeu, luta de séculos, que incompatibilizou desde o primeiro dia os naturais com os adventícios. Os invasores venceram, exterminaram, reduziram as populações índias, assenhorearam-se da terra; mas, em vez de estabelecerem-se aqui, definitivamente, normalmente, pacificamente, continuaram o mesmo sistema de exploração e cativo. Vinham da península, não para fazer aqui uma nova pátria – americana e livre, como essas da América inglesa –, mas unicamente para entesourar; onde o indígena se negou absolutamente a trabalhar, onde o massacre os eliminou, logo os substituíram pelo negro africano, cujo comércio o gênio parasitário do lusitano inventara, e explorava sem olhar a ignomínias. Na colônia, só o cativo trabalhava; todo mundo explorava e oprimia; a produção dependia, apenas, do número de cativos e da crueldade dos açoitados; o progresso foi condenado por inútil, a inteligência perseguida como perigosa. O colono sobre o cativo, o fisco sobre o colono, o absolutismo e o arcaísmo religioso sobre todos, afundavam, de mais em mais, estas sociedades na miséria, no aviltamento e no obscurantismo. A metrópole rolou, uivou de gozo, realizou o seu ideal, o parasitismo integral. As classes dirigentes e a Igreja, que as absorvia e as

dominava, fizeram-se parasitas do Estado – parasita-mor –, ou parasitavam diretamente nas colônias; o comércio se fez instituição régia, confundiu-se no fisco; a justiça era a garantia da espoliação; a mãe-pátria, um feixe de sanguessugas sobre a colônia. Sugavam todos, julgavam-se todos no melhor dos mundos, e não pensavam senão em conservar aquele estado de coisas, onde os únicos, em verdade, que teriam razão para querer alterá-lo eram os cativos; mas estes não tinham voz para queixar-se, nem para gemer, sequer. O mundo ibérico possuía até então um ideal – aventuras, conquistas, saques heróicos; agora, abraçado à presa, um novo programa se define, um novo ideal político e nacional se elabora, e logo se impõe: conservar; nem inovações, nem progresso; nenhum direito, nenhuma liberdade, principalmente nas colônias, porque liberdades e direitos representavam ataques aos privilégios dos exploradores, à custa dos quais viviam todos. Para manter e assegurar definitivamente esse domínio implacável, fechou-se a América ao mundo e à civilização; proibiu-se a indústria; o único trabalho lícito era o trabalho animal do escravo. Dos resíduos dessa exploração ignóbil, brotou uma nova sociedade americana; e a vida já se lhe apresentou como um conflito permanente com as gentes da metrópole. Perturbadas, embaraçadas no seu desenvolvimento natural, estas sociedades nascentes se rebelaram desde logo contra a opressão e a espoliação – a mesma luta do aborígene primitivo, transformada, agora, em ódio, em incompatibilidade, que se propaga e cresce de geração em geração. Ao ódio do americano, o reino responde com a represália feroz e o desprezo ostensivo. Um quer viver, quer ter uma pátria; o outro quer defender o seu privilégio, que lhe vem do regime. Essas populações novas, levadas, na sua expansão para a vida, a odiar, repelir e combater a metrópole e os seus instrumentos, são forçadas, ao mesmo tempo, a imitá-las, pois descendem, em grande parte, das gentes da metrópole, e foram por elas educadas e dirigidas. Ignorantes, votados ao embrutecimento, os povos americanos nem sabem como conquistar um lugar na vida, nem como organizar uma pátria. Revoltam-se porque são vigorosos, revoltam-se porque o açoite é cortante... De tudo isto, resulta, apenas, que eles se habituem à rebeldia, ao guerrear, e a não conhecer outra espécie de justiça nem disciplina social que a força. Na alma, cresce-lhes o ódio e o horror a essa opressão; e como ela se concretiza nas autoridades: é o ódio à autoridade, ao Estado – que lhes aparece como a síntese do mal. Não são pátrias que nascem e se desenvolvem; são acampamentos onde o vencido, rebelde, renasce irredutível em cada geração. Nem os colonos ibéricos aqui estabelecidos

cuidavam de constituir pátrias normais, nem o consentiriam as metrópoles, pois todo o seu interesse é perpetuar o regime da exploração direta, embaraçando por toda forma a organização de sociedades americanas, definitivas e homogêneas, em harmonia com as tendências e necessidades normais. O governo, a direção, a educação política e social que recebem as novas populações, são justamente em oposição à sua expansão natural.

Assim se formam, e assim vivem estes povos, até a hora em que, degeneradas, atrofiadas todas as energias pelo parasitismo, de decadência em decadência, as nações ibéricas chegam ao ponto de não mais poder conservar as suas presas; é o momento em que o ideal de liberdade e justiça tem revolvido a França, e se propaga a todo o Ocidente, chamando as consciências à posse de si mesmas. Nas colônias latinas – por isso mesmo que são latinas – não deixam de repercutir essas aspirações de liberdade. A população natural aumentava, e com ela aumentava o mal-estar; e, por muito rasteiro que andasse o espírito público, os povos americanos não deixavam de sentir o estado de abjeção e atraso em que estavam: nem indústria, nem comércio, nem instrução, nem ciência, nem arte; nem uma administração regular, nem uma distribuição de justiça comum.... Nada, nada, em suma, que lhes atenuasse o desespero e o opróbrio da sujeição em que se viam.

Alguns corações ardentes apareceram; falaram em “liberdade, independência, pátria...” E o conflito de sempre, a velha revolta, se acendeu numa luta que em pouco estava generalizada. Os oprimidos atiram-se à guerra aberta, pedindo, proclamando a liberdade completa, a independência absoluta, guerra cruel, de lances heróicos, de aspectos sombrios, desumanos, asquerosos às vezes; guerra que se prolonga em alternativas complexas. Mas a resistência não tarda, vigorosa, dominando mais de uma vez o ímpeto revolucionário. É uma resistência formal, por toda parte; não que ela venha da metrópole, do seu governo oficialmente, que está por terra; é a repulsa oferecida por essa parte da população que, nas colônias, representa, direta ou indiretamente, a mãe-pátria – os seus privilégios e opressões. Esses privilegiados sabiam que, defendendo-a, defendiam-se a si mesmos, e batiam-se com o vigor e com a fúria que dá o instinto da própria conservação. Mas os tempos são contra eles; o impulso que a idéia de liberdade trazia era muito forte, os seus soldados não desanimam; o regime colonial ibérico tinha contra si a evolução humana, que não parara, como a

Espanha, no ideal do século XVI – no ideal conservador. Em face do mundo, era tal regime uma monstruosidade...

Finalmente, os elementos refratários e conservadores das colônias se convenceram disto; os irredutíveis foram anulados; intervieram os moderados, os legítimos conservadores; transigiram com as fórmulas dos revolucionários, concordaram em fazer a separação, a independência governamental das colônias. Era o meio de escamotear ou nulificar a revolução, e impedir o advento da verdadeira liberdade. Alijaram a metrópole, para conservar todos os privilégios, injustiças e opressões, que ela tinha gerado, e por entre os quais se haviam formado as novas sociedades. Por processos vários, chegaram eles ao mesmo resultado; por toda a América Latina, apropriaram-se da independência; e quando, no dia seguinte, anunciaram “fechada a quadra das revoluções e reformas”, e firmada a estabilidade política e social, verificou-se que houvera, apenas, uma mudança de nomes nos altos postos, e fórmulas abstratas e estereis, incritas em Constituições mortas. Todos esses elementos infensos à liberdade, retrógrados e anti-sociais, resíduos da opressão, aí ficam: não há razão para que estas sociedades, que vivem em luta civil desde os seus primeiros dias, se pacifiquem e se normalizem.

Feita a independência, nós os vamos encontrar por toda parte – a esses realistas de ontem, conservadores de sempre: “monarquistas e clericais” no México, “conservadores” no Chile, “unitaristas” no Rio da Prata, “bragantistas e moderados” no Brasil... Aderindo, incorporando-se aos primitivos lutadores da liberdade, eles plantam a cizânia, deturpam os ideais, fomentam ambições, exploram fraquezas e misérias, cavam divergências; e a luta se reacende, revoltas e conflitos, em nome de outros princípios, mas entretidos, no fundo, pelas mesmas causas. Essa mesma luta vai eliminando os bons, os fortes de espírito e de coração, osãos de caráter – e esse é o mais usual efeito das guerras civis, já o notara Tácito; eliminam-se os bons, e, em breve, a luta é a disputa brutal pela posse do governo, a posse material do poder – oprimir, para não ser oprimido.

A massa geral da população, formada e nutrida por essa cultura intensiva da ignorância e da servidão, não tem estímulos, nem desejos, nem necessidades definidas, acima dos apetites da baixa animalidade; ignora tudo, não sabe trabalhar, não vê beleza, nem interesse no trabalho, nada a convida a isto; inteiramente nula para o progresso, é facilmente aproveitada

pela caudilhagem nas más aventuras e assaltos políticos. As classes dirigentes, herdeiras diretas, continuadoras indefectíveis das tradições governamentais, políticas e sociais do Estado-metrópole, parecem incapazes de vencer o peso dessa herança; e tudo o que o parasitismo peninsular incrustou no caráter e na inteligência dos governantes de então, aqui se encontra nas novas classes dirigentes; qualquer que seja o indivíduo, qualquer que seja o seu ponto de partida e o seu programa, o traço ibérico lá está – o conservantismo, o formalismo, a ausência de vida, o tradicionalismo, a sensatez conselheiral, um horror instintivo ao progresso, ao novo, ao desconhecido, horror bem instintivo e inconsciente, pois que é herdado. De longe em longe, surge um espírito capaz de ação eficaz – é uma miragem perdida no deserto; e a sociedade continua a arrastar-se ao sabor dos que a dirigem. Assistidos, reconfortados por estes, os elementos refratários, remanescentes do passado parasitário, revivem, proliferam, doutrinam, orientam; e a nova pátria não chega nunca a ser uma pátria, senão a ex-colônia, que se prolonga pelo Estado independente, contra todas as leis da evolução, sufocando o progresso, presa a mil preconceitos, peada pela ignorância sob o conservantismo.

O resultado desse passado recalcitrante é esta sociedade que aí está: pobre, esgotada, ignara, embrutecida, apática, sem noção do próprio valor, esperando dos céus remédio à sua miséria, pedindo fortuna ao azar – loterias, jogo de bichos, romarias, “ex-votos”; analfabetismo, incompetência, falta de preparo para a vida, superstições e credices, teias de aranha sobre inteligências abandonadas... Ou a putrefação passiva, ou o agitar de interesses baixos, conflitos de grupos, dominados por um utilitarismo estreito e sórdido, onde os mais astutos não sabem pensar nem querer, incapazes de um esforço contínuo, correndo de empresa a empresa, gemendo quando têm fome, grunhindo como bácoro quando estão fartos.

Isto, porém, não chega a impressionar aos que dirigem, que procedem como se não contassem com outros móveis senão o egoísmo, o medo, o interesse material; sem pensar, sequer, no quanto é frágil a obra social que se inspira de outros motivos. E cada um compreende a vida ao sabor dos seus interesses, ou a não compreende; tal é o caso da maioria, desleixada, entorpecida, sem direção moral, sem amparo, sucumbida à ignorância, que opõe um obstáculo invencível ao desenvolvimento de todas as virtudes cívicas. No mais, é o cansaço, a descrença, a desilusão antecipada. Se “as campanhas sociais dão medida da vitalidade e do progresso de um povo”, as

sociedades, no geral da América Latina, e notavelmente no Brasil, dão tristíssimo atestado do que valem atualmente.

De tudo isto resulta, mesmo para os mais esclarecidos, um pessimismo doloroso, um ceticismo negativista e triste, contra o qual não prevalecem entusiasmos, nem ideais, nem sonhos de sacrifícios generosos...

Le progres humain ne saurait résider dans la puissance d'une formule économique et sociale. L' 'amélioration de l'humanité est tout entière dans cette culture, qui permettra de choisir entre les formules proposées, et fera l' adaptation des hommes ou nouvel essai de vie supérieure.

G. Clemenceau

O mundo civilizado nos acabrunha com o seu desprezo, e nos condena sumariamente. É iníquo, porque, em verdade, esse passado horrendo e tenaz que nos persegue não fomos nós que o preparamos; somos antes as vítimas. Mas reconheçamos que é triste a condição em que nos achamos. É triste, é vergonhoso, quase, que, após 400 anos de existência, ao fim de um século de vida autônoma, a civilização não seja para os americanos do Sul mais que um fardo a esmagá-lo, fonte de dores e de lutas sangrentas; e que o progresso não passe de aspiração mal definida, grito pomposo na retórica estafada. Daí, pretende a sociologia da cobiça que somos incapazes, essencialmente inferiores, refratários ao verdadeiro progresso. Estes conceitos só nos devem impressionar pela ameaça que contêm, e não pelo seu mérito científico, nem para que duvidemos do futuro e de nós mesmos. A ciência alegada pelos filósofos do massacre é a ciência adaptada à exploração; a verdadeira, a pura, nos mostra a espécie humana progredindo sempre, em todas as suas variedades – com alternativas, sim, devidas à degeneração de grupos e parcialidades, que abandonaram o esforço e a vida. Ela nos ensina o caminho do progresso, e nos garante o êxito. Sofremos, neste momento, uma inferioridade, é verdade, relativamente aos outros povos cultos. É a IGNORÂNCIA, é a falta de preparo e de educação para o progresso – eis a inferioridade efetiva; mas ela é curável, facilmente curável. O remédio está indicado. Eis a conclusão

última desta longa demonstração: a necessidade imprescritível de atender-se à instrução popular, se a América Latina se quer salvar.

Parecerá anacrônico, neste momento da história ocidental, vir fazer a apologia da instrução. Será anacrônico, mas é indispensável; não há propaganda mais urgente. Apesar de que nas classes dominantes, entre os inteligentes e cultos, todos se digam convencidos da excelência e das vantagens da instrução; apesar de que pretendam considerar essa excelência e vantagem como verdades banais; apesar disso, e por isso mesmo, a propaganda se impõe: porque o assunto é tido hoje como indiscutível e banal, é que ninguém dele se ocupa, nem para impugná-lo, nem para executar o programa que daí se deriva. Para o progresso e para a civilização, desde que a massa popular continua ignorante, e que ninguém cogita em instruí-la, é como se não houvesse tal convicção. É mister retomar a propaganda, e não cessar enquanto a idéia não tiver realização.

Aí está o remédio contra o nosso atraso, contra a miséria geral; e os que têm o coração bem no seu lugar não se podem negar a essa obra de redenção social. A própria apatia geral abate os entusiasmos; mas, depois de refletir sobre o grau de abjeção a que está reduzida a massa da população nestes países americanos, e de pensar no futuro que a espera, o coração se revolta. A vista do sofrimento é talvez mais dolorosa que o próprio sofrimento; por isso, a alegria, o riso, só é puro nos lábios da criança, que ainda não viu, nem compreendeu a dor. O coração se constringe e se revolta, e o homem “que pensa, compreende quanto é indigno ouvir dizer a esses abandonados de hoje, e infelizes de amanhã, que o seu sofrimento é uma consequência inelutável das leis que regem o universo”; que a injustiça, a desigualdade, é um fato social como os outros, que a miséria exprime, na ordem moral, um dos aspectos da seleção natural; que se consolem, talvez, em verificar o admirável encadeamento de causas e efeitos. A dignidade humana está em não aceitar, nem resignar-se a esta necessidade do mal; está em revoltar-se e lutar contra ele. A indignação e a luta contra o mal são também fatos sociais e funções legitimamente humanas, mais nobres que a pura contemplação, se elas se completam pelo estudo das causas da miséria e do atraso social, e se buscam o meio de combatê-las e suprimi-las.

A grandeza e a extensão do infortúnio não são razões para cruzar os braços. Façamos a campanha contra a ignorância; não há outro meio de

salvar esta América. Os paliativos, expedientes, empirismos e sagacidades políticas já deram o que podiam dar. Esse progresso, que uns resumem nas cifras dos orçamentos, e outros no número de navios, e outros na extensão das minas em exploração, não é só mal definido, é fugaz e ilusório. O progresso há de ser da própria sociedade, no seu todo; e isto só se obtém pela educação e cultura de cada elemento social. Não se eleva o meio sem melhorar os indivíduos; não há progresso para quem seja incapaz de compreendê-lo e desejá-lo, prevê-lo e buscá-lo. O progresso é um triunfo – a vitória crescente sobre a natureza; e na batalha que a ele conduz, a primeira condição é estar desembaraçado da ignorância, dos preconceitos e dos desalentos que nela se geram, conhecer os inimigos a vencer, conhecer os obstáculos a suprimir ou transpor, conhecer os recursos que podem servir, conhecer o alcance de cada tentativa, conhecer, conhecer... conhecer de mais em mais.

Nesta hora de mercantilismo universal, a América do Sul não vê do progresso humano senão a prosperidade material, as riquezas e o poder; e cada político acreditaria ter levado a sua pátria à extrema avançada da civilização, se os milhões soassem nos cofres dos engrandecidos pelo quadro aparatoso de uma nação poderosa. Sim, essa riqueza virá; é, porventura, fatal; mas, para que ela venha, é mister, justamente, que alguns pensem em outro progresso, que não seja a pura riqueza material. Antes que os infelizes adquiram os cabedais sonhados, é preciso que adquiramos o cabe dai do espírito, mais fácil, mais importante ao progresso, e indispensável para preparar qualquer outro.

Sem isto, sem a instrução da massa popular, sem o seu realçamento, não é só a riqueza que nos faltará – é a própria qualidade de gentes entre as gentes modernas. Pouco importa o que está inscrito nas Constituições, que as camadas políticas vão depositando nos armários oficiais. Como estamos, não somos nem nações, nem repúblicas, nem democracias. A democracia moderna é um produto do progresso; e nós somos, ainda, uma presa do passado, recalitrante em tradições e preconceitos, que não soubemos vencer ainda. Querer um regime moderno, com as almas cristalizadas nos costumes de três séculos atrás, não é uma utopia – é uma monstruosidade. Proclamar democracia e liberdade, e manter e defender as condições sociais e políticas das eras de absolutismo, é mais que insensato – é funesto, mais funesto que o próprio absolutismo formal. Este é criminoso, mas é pelo

menos lógico; o crime pode ser lógico sem deixar de ser crime; o regime de democracia sem povo é absurdo, sem deixar de ser igualmente pernicioso.

Por isso, há um século se luta na América do Sul com esse nome de liberdade e democracia nos lábios, sem que nos chegue a verdadeira liberdade, nem a democracia; por isso as invocações ao progresso e à civilização permanecem quase estéreis. Governantes e apóstolos serão, talvez, de boa-fé; o resultado não poderia variar, ainda que as suas energias fossem outras, realizassem todos eles os sonhados super-homens de Nietzsche... Pretendem conciliar antagonismos: república, democracia, liberdade – e ignorância.... Tanto vale construir sobre uma costa de dunas, aberta a todos os ventos – amanhã, ou falta o solo, ou vem a areia e tudo submerge. Um povo não pode progredir sem a instrução, que encaminha a educação e prepara a liberdade, o dever, a ciência, o conforto, a arte e a moral. A evolução humana é o progresso do espírito, é a cultura da inteligência para conhecer, a cultura do sentimento para amar. “O homem é adaptado à vida cerebral como outros animais se adaptaram e se transformaram em vista do vôo, da natação, do salto ou da carreira...” (Haeckel). A ignorância só é fecunda para o mal; anula ou imobiliza os mais viris; é mais radical das fraquezas, porque entrega o homem de pés e mão atados aos choques da vida, aos rigores da natureza; rodeia-o de enganos, fatiga-o de erros; e condena de antemão todo esforço a um insucesso. Se um ignorante, no seio de uma população apta e preparada, já é um mal, porque é um inútil, um valor morto pesando sobre os outros – imagine-se aonde vai esse mal, quando a população é constituída na sua generalidade de ignorantes, nulos, sem estímulos e sem aptidões!...

A evolução física é muito lenta e a conservação física muito poderosa; o principal elemento de progresso é, pois, a evolução das idéias. E, de fato, é este o principal característico da vida humana; porque a essência da vida, em si, é antes o progresso que a ordem.

D. Folkmar

Reclamando a difusão da instrução, a prática da ciência, como o meio de curar os nossos males essenciais, e de avançar para o progresso, não queremos atribuir à cultura intelectual nenhuma virtude miraculosa, senão a importância que ela teve e tem na história da civilização. Demos que a instrução não seja o objetivo único do progresso; não se poderá negar, porém, que é um dos seus objetivos, um dos fins e, ao mesmo tempo, um

meio – o meio principal. A primeira condição para conquistar a civilização é conhecê-la, conhecer a vida, as suas necessidades, os recursos possíveis; e nenhum outro processo existe de trazer os indivíduos ao nível do século, de os pôr de acordo com o momento.

Quem diz difusão de instrução, diz progresso intelectual, porque é o meio social que estimula e provoca a alta cultura científica, que alimenta os pensadores originais, os criadores, em arte ou em filosofia. A época, as condições propícias fazem florescer os gênios e os talentos, que, num mundo de ignorantes, morrem abafados, sem inspiração, ou não compreendidos.

O progresso material, esse deriva diretamente da ciência, das suas descobertas e aplicações. É certo que a riqueza e a prosperidade material exigem atividade, trabalho; isto até os políticos o percebem; é mesmo sintomático das classes dirigentes, na América do Sul, o clamar contra a “inatividade das populações”. Calemos queixas e condenações vãs; na hora atual, só há um meio seguro de convidar os indivíduos à atividade – é instruí-los; não se compreende, hoje, trabalho que não seja inteligente. É mister fazer-lhes a educação, adaptá-los à atividade; e temos que principiar por ativar-lhes a inteligência. Instruir é fazer pensar. Pensar já é atividade. Pensar é criar, agitar o mundo das imagens, alargá-la. Levar os homens a ter idéias novas, é fazê-los ativos, de uma atividade superior, porque a idéia é o ato pelo qual o espírito, mercê de impressões várias e diferentes, cria uma entidade nova – o elemento mental, que representa uma síntese: a harmonia última que, no seu espírito, se faz com o resíduo de sensações passadas, observações e ensinamentos. “Esta harmonia – a idéia – é obra essencial do espírito, um desdobramento dele mesmo, no caminho da verdade, do bem, da cultura ou da justiça; a idéia que assim se gera não é uma fórmula; não restringe; é um ser vivo, cresce, produz, anima; reage por seu turno sobre o organismo e o impele a novas atividades”. Eis a noção superior e social da inteligência. Criar as aspirações, sugerir o bem e o belo, fazer das idéias o princípio da ação, eis o papel da instrução.

A atividade pressupõe método, ordem no trabalho; e o espírito é a ordem por excelência. É no esforço natural para bem pensar que o indivíduo adquire esta disciplina voluntária – que não é a ordem passiva, sufocante, mas a harmonia na ação. Método e autonomia fazem de cada personalidade uma unidade original. Esclarecida a inteligência, compreende o indivíduo a

necessidade de dar um sentido e um fim à vida, e ei-lo, naturalmente, ativo para realizá-lo; a cultura do espírito deu-lhe as forças positivas para a conquista e o método para dirigi-la. Não há esforços fecundos sem o saber, e o verdadeiro mérito da ciência está na ação que ela facilita e provoca. A ignorância, quando não é a inércia, é a covardia do espírito; gera o fatalismo supersticioso e místico, onde adormece toda iniciativa; mutila a vontade, e enraíza as almas nessa resignação ao mal e à miséria – invencível obstáculo a todo progresso. Qual outro meio – senão a instrução – de fazer compreender aos homens que eles não devem esperar o bem-estar e a prosperidade da força dos decretos, nem da *fatalidade das leis econômicas*, e sim do próprio esforço – do trabalho inteligente?..

Quando se pensa nos liames complicados e infinitos que prendem o indivíduo e o tornam dependente do meio, compreende-se facilmente que ele – e portanto a sociedade – não possa prosperar sem conhecer esse meio, sem estudá-lo, sem recorrer ao que a ciência ensina, para achar o processo de apropriá-lo às suas necessidades, realizando, assim, a indispensável adaptação recíproca, entre o organismo e a natureza. Para o homem moderno, é esta a primeira necessidade; e é pela instrução que isto se obtém, preparando o indivíduo de modo a bastar-se a si mesmo, compensando as deficiências naturais pelos recursos da ciência. A natureza é inesgotável, com a condição, porém, de que a estudemos, para bem compreendê-la, e que alcancemos aproveitá-la e explorá-la, sem que a inutilizemos.

Não perdem de vista, os homens sensatos, a riqueza, a prosperidade material: pensem, então, nas ferozes devastações dos nossos bosques e matas, tão úteis à vida; pensem no que se tem perdido, irremediavelmente perdido, da uberdade do nosso solo, nos incêndios bárbaros que a ignorância da nossa lavoura acende todos os dias, desde quatro séculos, por sobre milhares de léguas quadradas de terras, que, férteis e virgens ontem, férteis desse húmus que aí se acumulara desde as primeiras eras da vida, estão hoje convertidas em campos ásteros, agrestes, nus, que só muito trabalho e muita ciência poderão restituir à cultura.

Foi o estudo direto da natureza, a nova concepção do universo, que deu ao homem essa força incomparável, a previsão dos fenômenos, o avassalamento das energias naturais, utilizando umas, neutralizando outras – força que leva de vencida as maiores dificuldades, e produz os milagres

da indústria atual. Foi esse estudo e essa nova compreensão da vida que faltaram aos povos ibéricos, nas épocas em que vivíamos à sombra deles; e assim nos retardamos de séculos. E, hoje, o indispensável e urgente é aplicar ao nosso meio e às nossas necessidades a ciência que já está feita, difundir as verdades adquiridas e os bons métodos de estudo; ao mesmo tempo, nos é preciso observar, estudar e interpretar aquilo que, sendo peculiar ao nosso meio, ainda não é do domínio corrente da ciência; fazer que tais noções – umas e outras – entrem para a vida comum, e que todos se tornem capazes de as assimilar e utilizar. Que a ciência não seja um adorno de doutores, mas um recurso para todos, na luta comum contra as dificuldades da vida. Fiquemos certos de que não há outro instrumento para transformar o meio material e apurar o ambiente moral; contra o mal físico, ela cria o conforto, contra os abusos da força, traça a justiça...

Pretender atividade da parte do ignorante, é pretender o impossível; a atividade está na medida das necessidades, dos desejos e apetites a satisfazer. Um ignorante, fora do mundo e da civilização, é uma alma nula, pura animalidade; come e ama qual a besta primitiva; está satisfeito, por que agitar-se e labutar?... Não lhe trabalha o espírito nenhuma aspiração superior, ou sequer de mero conforto. Desconhece o bem-estar, e quando a miséria é profunda sente-se infeliz; mas não sabe achar, nem a verdadeira causa, nem mesmo a expressão do sofrimento; na consciência obtusa, a dor e o mal se desenham com a fatalidade do dia e da noite... Abram-lhe a inteligência, revelem-lhe o mundo; e a cada recanto dos novos horizontes que se rasgarem ao seu espírito, corresponderá fatalmente uma necessidade nova. O desejo a espicaçar-lhe a mente, a sacudir-lhe a vontade e a desenvolvê-la: ei-lo rodeado de estímulos, no caminho da atividade espontânea e fecunda.

Não serve a instrução somente para fazer surgir necessidades novas; serve também para definir necessidades normais; e serve principalmente para indicar o meio de atender a umas e outras, e de satisfazer a todos esses desejos adiados, oprimidos pela ignorância dos recursos comuns.

Esta expansão do pensamento se acompanha de uma complicação crescente de desejos e estímulos; a própria inteligência cria para si necessidades, formula exigências: o desejo de saber, jamais saciado, de indagar, descobrir, estudar, explicar, conhecer, criar, aplicar, imaginar, compor um ideal, um sistema. E as necessidades estéticas que a cultura

desenvolve?... Este desdobramento de necessidades faz-se ao mesmo tempo que se faz uma multiplicação e diferenciação de aptidões mentais, que permitem atender à “diferenciação de funções e à divisão do trabalho”, essenciais no progresso. É a instrução, a cultura intelectual, que provoca o aparecimento de variações individuais superiores, de curiosidades novas. Não há dúvida de que o progresso é obra de um pequeno número de inteligências; faz-se preciso, todavia, que haja milhões de cérebros trabalhados, explorados, para que se revelem essas poucas inteligências de elite; sem isto, lá ficariam elas perdidas, esquecidas, na ignorância primitiva. Revela-se o talento e define-se ao mesmo tempo a sua utilidade, porque, em suma, um cérebro vale pelo uso que dele se faz.

É a instrução que, na complexidade da vida, cria essa infinidade de aptidões, onde toda função acha órgão adaptado; quanto mais se revolvem as inteligências, mais probabilidades há de as estimular para caminhos novos. Todas essas exigências da economia social, traduzidas pela sabedoria inglesa no *The right man in its right place*, só encontram satisfação possível se cada inteligência se conhece, se não lhe faltam os meios de aperfeiçoar-se.

La liberté d’agir, c’est-à-dire, liberté de traduire en acte une volonté quelconque est la seule liberté existante. Elle est un attribut de l’être humain, car elle n’est que le fonctionnement de son organisme.

A. Hamon

Depois de enumerar as vantagens da instrução, e de mostrar a necessidade de levá-la a todos os espíritos, se queremos partilhar do progresso – depois desta longa demonstração, será preciso provar que difundir a instrução constitui um dever iniludível, para todos que são responsáveis pela sorte destas sociedades americanas.

Dever, sim; dever de honra para os que são capazes de compreender um dever – tal é o aspecto moral da questão. O dever supremo dos que ocupam as posições dominantes em nome de um regime democrático e livre é o de suprimir a injustiça, quanto possível, defender a liberdade, estabelecer a igualdade. Se assim é, que há de mais urgente que o fazer desaparecer dentre os indivíduos essa causa de desigualdade, essa causa de inferioridade intelectual e econômica, e de incapacidade política – qual o “não saber ler nem escrever”?... Compreende-se, porventura, uma democracia de onde 90 por 100 dos indivíduos são excluídos por

analfabetos? Tanto vale dizer: uma democracia sem povo, sem cidadãos. Um tal regime, ainda que o levassem a uma prática de pureza ideal, não passaria da opressão e despotismo de uma aristocracia, sem nobreza, sobre a plebe servil. Não se trata de fazer o libelo dos políticos; basta, para aqueles que são de boa-fé, a tristeza de contemplar a própria obra e ver como esses 80 anos de democracia na América Latina têm desmoralizado o regime e os ideais que eles sinceramente apregoavam. Trata-se de acentuar as causas do fracasso em que se desfazem todos os programas e governos, até demonstrar como este fracasso resulta de que, nos políticos, a ação não corresponde à palavra. Os desastres e os males procedem unicamente de que eles pregam a liberdade, e não promovem os meios de torná-la efetiva.

Não há regime livre na ignorância; para libertar os homens, o primeiro passo é desembaraçá-los dessa ignorância e entregá-los à posse da própria inteligência: “Uma democracia não tem razão de ser senão para dar a todos liberdade e consciência de si”. São verdades velhas, bem o sabemos. O mais humano dos Andradas – Martim Francisco – já escrevia em 1824: “O homem embrutecido não compreende em política outra idéia além das de escravo e de senhor. Nós temos a prova disto nos portugueses e nos brasileiros, que deles descendem”.

A verdadeira concepção da história exige que não consideremos senão realidades; mas real não quer dizer apenas coisa material; a necessidade de liberdade é bem uma realidade; na civilização atual, o homem não pode ser conduzido como um ser incapaz, um inconsciente, nem o meio social poderá ser um entrecruzamento de vontades arbitrárias. Devemos considerá-lo uma complicação de leis definidas, dentro das quais todo homem deve saber dirigir-se. A democracia é o mais perfeito dos regimes políticos adotados, justamente porque permite ao indivíduo o viver livre, numa perfeita inteligência com o resto da sociedade. A liberdade é, pois, essencial.

“Liberdade!”... A idéia impõe-se, conquistou as consciências, e, nesta hora, as reações não ousam mais negá-la abertamente; mas, não podendo suprimi-la, deturpam-na; e a palavra tem servido de pretexto a tanta exploração e aventura política, tem figurado em tanta proclamação vã, tanta frase oca e pomposa, que é quase perigoso, e sempre duvidoso, empregá-la sem fixar-lhe a significação positiva.

Partícula minúscula do universo, preso à trama das suas leis, o homem não é um ser objetivamente livre; o “determinismo científico”⁹³ se impõe aos atos humanos como à queda dos astros, ou à afinidade dos átomos. As inclinações, tendências, hábitos, necessidades e apetites, onde se inspira a vontade, dependem de uma multiplicidade de causas naturais e inflexíveis. “Ser livre, objetivamente livre”, define muito bem Renouvier, “é ser suscetível de começar a vida em absoluto, fora de todas as vidas e influências, no tempo e no espaço”; e o homem é o produto da vida anterior e da vida ambiente; os seus atos não são mais que o modo pelo qual a máquina orgânica reage ou responde às impressões exteriores e interiores. Sucede, porém, que ele tem consciência de parte do trabalho mediante o qual se fez esta reação. A inteligência humana desenvolveu-se, a consciência esclareceu-se, e, mercê da memória, esta mesma consciência se prolonga pela vida; o indivíduo guarda a lembrança dos seus atos conscientes e das reações superiores do espírito, compara uns e outros, adquire experiência, e chega um momento em que pode conhecer o resultado de certas reações, mesmo antes de realizadas. Tem consciência ao mesmo tempo de muitas das influências que o arrastam; a elaboração das reações superiores se faz lenta, os motivos que o provocam desenham-se nitidamente, e ele hesita – delibera, sabe de antemão o que vai fazer: é a vontade. Age, o homem, segundo influências que não lhe é dado criar, nem mesmo modificar de momento; mas age conscientemente, age segundo a sua consciência lhe indica – é livre subjetivamente, se bem que objetivamente o não seja. É livre moralmente, se uma influência mórbida não lhe perverteu a consciência; e é responsável por seus atos. O importante, sob o ponto de vista moral e social, é que o indivíduo tem a impressão de que faz o que quer; e isto é o bastante para que ele deva agir sempre com esta convicção. A educação, o convívio social, a experiência do passado, a previsão do futuro, a noção das conveniências, farão com que ele queira o *BEM* – isto constitui uma questão à parte. O essencial, neste ponto, é atender a todas as necessidades do seu organismo, e satisfazê-las como a sua razão lhe indicar. Sem isto a atividade está entorpecida, a personalidade deformada, mutilada; já não há responsabilidade moral.

⁹³ Não confundir “determinismo científico” com “fatalismo religioso”; vai, entre um e outro, a mesma diferença que há entre homem – produto natural da evolução biológica – e homem – fatura do Padre Eterno.

A vontade não é uma expressão absoluta; como todas as reações orgânicas, é uma consequência das condições em que o organismo se acha; mas, justamente por isto, é preciso que a inteligência esteja perfeitamente esclarecida, capaz de uma consciência nítida de todas as possibilidades de ação, de todas as soluções razoáveis, dos meios mais fáceis e probos de satisfazer a cada necessidade que se impõe, ou dos resultados longínquos de qualquer ato. Só quando o indivíduo chega a este estado é que ele é livre; é então que ele delibera. E quando a solução se apresenta ao seu espírito, ele deve estar desembaraçado de toda a coação exterior – *LIVRE* – para cumprir o que a consciência lhe indica. Sem isto, não há atividade possível, nem profícua; o homem não seria homem, senão um anulado, que se conduz à rédea. Sob este aspecto, liberdade se confunde com atividade; toda a coação à liberdade é um entrave à atividade. Demais, o homem não pode ser completamente ativo, enquanto não se acha adaptado ao meio; e para isto, ele deve ser devidamente instruído – para conhecer os processos dessa adaptação, e livre – para aplicar-se a ela, como lhe parecer mais próprio ao seu organismo físico e moral.

Eis a expressão psicológica da liberdade; e, assim, poderíamos defini-la – faculdade de agir, tendo consciência dos fins e podendo dar inteira expansão à atividade normal e útil. Mas, em verdade, a liberdade é, antes de tudo, um fato social; ela deriva da própria existência em sociedade. Ora, quem diz sociedade diz relações, trocas, encontros, que só podem existir e progredir quando os indivíduos se harmonizam, naturalmente, livremente. Mas sucede justamente que, dessa harmonia, desse acordo na vida comum, resulta uma certa disciplina, que se torna mais complexa à proporção que as relações, as trocas são mais freqüentes, íntimas e perfeitas, à proporção que a sociedade progride e que o bem-estar se acentua. E daí decorre que parece haver, exatamente, um antagonismo entre progresso e liberdade; parece que esta se restringe à proporção que aquele se realiza. É engano, engano que procede de uma má compreensão da liberdade, principalmente sob o ponto de vista moral. Não pode haver antagonismo entre o estado social e a liberdade, desde que é da vida social que o homem tira os elementos para dar pleno desenvolvimento à sua atividade, desde que não há liberdade fora da sociedade. – “E a disciplina social não é uma coação sempre crescente à liberdade?” Não, desde que se não confunda disciplina com imposição, ou melhor, desde que se substituam à disciplina a harmonia e o concurso social. O indispensável é que o homem esteja devidamente preparado para

compreender as vantagens da vida social, e para achar dentro dela a plena expansão da sua personalidade. – “E se esta personalidade não se quer desenvolver sem prejudicar os outros?” É que ela não está devidamente preparada; é que a instrução e educação foram imperfeitas; porque, em suma, se só a sociedade confere ao indivíduo os elementos para o seu bem-estar, entrar em conflito com ela é prejudicar-se a si próprio. Demais, existem na natureza humana tendências instintivas de altruísmo – e este é o principal fator da vida social – tendências que, devidamente educadas, antes o convidam a fazer-se bom e útil do que perverso e nocivo.

A liberdade não é nem o arbítrio, nem o capricho; a liberdade é o direito ao indivíduo de achar ele mesmo o modo de conduzir-se e de entrar em acordo com os seus semelhantes. É por isso que não pode haver liberdade sem instrução, onde o indivíduo aprenda a conhecer-se a si próprio e ao meio dentro do qual vive, e conhecer também os recursos de que pode dispor. Salvo casos mórbidos, o homem é um animal sociável, e sem dificuldade se acomoda à vida normal, se o preparam, e se o educam convenientemente. Guizot, um conservador, reconhecia que: “*Il est plus difficile de connaître son devo ir que de l’accomplir*”. Isto não será, talvez, bem exato; mas é certo que o indivíduo não pode chegar a esse estado de verdadeira educação social- que consiste em saber governar-se a si mesmo, e a dominar os maus instintos – sem um preparo intelectual perfeito. E é só quando o homem alcança este domínio sobre si que ele é efetivamente livre. Só então, conseguirá ele pôr o seu microcosmo em harmonia com a sociedade, porque pode penetrar as relações íntimas e necessárias que o prendem ao todo, e não lhe permitem isolar-se.

Eis a razão por que o homem pretende apurar a vida social: porque reconhece que é este o meio de libertar-se dos obstáculos naturais, desenvolver a sua personalidade, firmar a sua autonomia e iniciativa. A liberdade passa a ser o esforço constante e consciente para progredir, a vontade sempre alerta, com o concurso espontâneo de todas as inteligências; ou, por outra, concurso de todas as vontades, cooperação de todas as inteligências numa reciprocidade perfeita. Assim, estaria definida a verdadeira democracia. Obtida deste modo – a liberdade na harmonia – está o homem no caminho da felicidade, porque a felicidade, coisa difícil de definir-se, é impossível de conquistar-se por um só caminho. É mister aos indivíduos a livre escolha dos meios de buscá-la; desabrocham as esperanças, desenham-se as aspirações, e isto já é o antegoço da felicidade.

A vida se faz suave, e dá gosto viver; a disciplina é toda voluntária, pois que têm todos inteira consciência dos seus direitos e deveres; e a ordem sai do livre concurso das vontades; é a ordem vivificante, que identifica a paz com a evolução, a atividade com a liberdade.

Uma tal liberdade, objetarão, exige uma adaptação. Sim, e é por isto que insistimos – para mostrar que essa adaptação consiste justamente na instrução bem entendida, servindo de base à verdadeira educação moral, educação de onde sejam banidos os velhos preconceitos de obediência. A obediência, que é a ordem na inércia, só pode ser defendida por esses que, fazendo-se apóstolos e diretores das turbas, não têm outro intento que explorar e dominar. Não se trata de fazer obedecer, mas de fazer com que todos participem ativamente da harmonia social, ou pelo menos compreendam o interesse superior que dela se deriva, e zelem por ela. E, para isto, fora preciso dar ao povo a consciência nítida das suas funções e do seu valor; fora preciso mostrar-lhe que o egoísmo é uma grande ilusão, e que os interesses e necessidades, em vez de se oporem, se devem combinar... Deste modo far-se-ia a adaptação da liberdade. É veleidade insana esperar cumprimento de deveres de quem não chega, ao menos, a compreendê-las, exigir progresso de um caos de ignorantes, mistura inorgânica de indivíduos nulos, arrastados pela vida inconscientemente, matilha dócil dos aventureiros e caudilhos.

A liberdade não é a vaidade, nem o isolamento. Ser livre é, antes de tudo, escapar da escravidão que a ignorância impõe, da escravidão que em nós mesmos reside, e trazer a inteligência a iluminar os atos e a vida; ser livre é compreender que a injustiça é o mal, e que a ordem social não deve ser a ordem exterior, prepotente, instável, resultando de uma imposição tirânica, mas sim o acordo normal de todas as aspirações. “Ser livre é elevar-se à idéia do bem superior, geral, humano”, que só pode ser realizado pelo concurso de todos, pela solidarização de todos os esforços; é fazer-se obreiro deste ideal, querê-lo, buscá-la. Assim, o indivíduo é verdadeiramente autônomo, sem, no entanto, entrar em conflito com as atividades estranhas e bem dirigidas; lutar, apenas, contra o mal. A verdadeira liberdade não é a fantasia sem regras; ela não existe sem o exercício pleno da inteligência; consiste em dar um fim à vida, em conformar-se com ele.

Qual o melhor dos governos?

O que nos ensinasse a nos governar a nós mesmos.

Goethe

Fora a mais louca das pretensões o querer levar estas sociedades para a felicidade e o progresso, conservando-as na ignorância como até agora. A história dos povos contemporâneos aí está para que aprendamos: são as nações mais cultas e instruídas as mais adiantadas e prósperas. Examinem-se, uma por uma, e achar-se-á uma relação direta entre a difusão do ensino, a generalização da instrução e o progresso social e econômico; aprofunde-se mais o exame, e verificar-se-á que esse progresso é precisamente um efeito imediato. Ele se traduz como uma consequência natural e necessária da extensão do ensino e do apuro das inteligências. Nem de outro recurso se valem os inovadores e progressistas, nas posições de governo, empenhados em engrandecer os povos e em conduzi-los ao sucesso. Na economia social da nossa época, dizer país de analfabetismo é dizer país da miséria, pobreza e degradação. É verdade que, dos fundos sedimentários do reacionarismo, político ou místico, alguns subapóstolos se têm levantado para acentuar o fato, naturalíssimo aliás – de que, não obstante a difusão da instrução, ainda não desapareceram da face da Terra todos os crimes... Daí, pretendem eles inferir a não eficácia da cultura intelectual para o aperfeiçoamento moral do indivíduo. Formulado o sofisma, já não hesitam, distendem o raciocínio até onde lhes convém, para concluir que “a instrução é, talvez, um instrumento de perversão moral...” “*Rien de ce qu’ennoblit, instruit et relève l’homme ne saurait lui nuire*” – responde-lhes a lógica e a verdade. “É uma mentira” – tal é a expressão veemente de Ibsen – “uma mentira, dizer que a cultura intelectual desmoraliza o povo; não, o que o desmoraliza são os esforços que se fazem para embrutecê-lo, são as misérias da vida”. E a razão está com o grande norueguês. Dessas misérias e desses esforços maléficis é que procedem os crimes e vícios que ainda degradam uma parte da humanidade; contra uns e outros só há um recurso eficaz: fortalecer o espírito, abrir a inteligência, enriquecê-la, dilatá-la.

Isto bem o sentem os que se empenham por manter o povo na ignorância primitiva, que lhes permite e favorece todas as opressões e explorações. Queriam eles, esses subapóstolos do ignorantismo, que a meia instrução, já incompleta, já viciada, como a recebem os desprotegidos da fortuna, nas horas escassas, roubadas ao repouso necessário – que essa

pouca instrução tivesse a virtude arquiviraculosa de levar as gentes, em duas ou três gerações, à perfeição angelical... Não, esses que assim injuriam a razão e a lei das possibilidades – esses bem sabem que a instrução tem dado o que podia dar, o que se esperava ela desse. Sofismam, deturpam, para ver se conseguem, ao menos, manter o povo nesse estado de cultura, ainda elementar, que lhes concede continuar a secular espoliação. Não lhes repugnaria mesmo trazer as massas ao estado de obscurantismo definitivo. Felizmente, para o futuro da humanidade, a civilização e o progresso acham em si mesmos os elementos de resistência a esta propaganda de recuo; a inteligência conquistou todas as convicções, e todos reconhecem que não há outro instrumento de prosperidade econômica e material como a cultura intelectual. Eis por que se vêem as nações e os governos porfiando em difundir o ensino e a cultura, como porfiam pela extensão do comércio e pelo valor das esquadras... e eis por que, das altas classes, muitos se esforçam por essa obra civilizadora. Os móveis não são os mais puros; mas o progresso os aproveita, e a evolução redentora se fará, preparada, em parte, por esses mesmos que desejariam adiá-la indefinidamente, preparada por esses mesmos governantes e dirigentes, estimulados pelo desejo de riqueza e esplendor nacional, ou impelidos pelos utopistas.

Assim tem sido pelo resto do mundo; assim deve ser para a América Latina. Não há ilusão possível; no momento presente, seria insensato, e incompreensível até, pretender sucesso de uma campanha em favor da instrução popular, sem interessar nela uma parte, ao menos, das classes dirigentes; seria incompreensível, porque a massa popular está anulada, incapaz de sentir a realidade da própria miséria, e menos capaz, ainda, de tentar por si mesma um esforço aturado e metódico para instruir-se e reerguer-se. *Povo, consciente de sua existência, tal como o exige uma democracia, não existe aqui; é preciso fazê-lo.* Não haverá, nestes germes de sociedades e pátrias, algumas almas generosas e fortes para empenhar-se nessa empresa? Certamente que sim; e esperamos que elas, aceitando a tarefa como um dever social, se agitarão e conseguirão impor o assunto à indiferença dos governantes. É forçoso achar o meio de trazer a atenção das gentes dominantes para esta questão esquecida, e que lhe dêem a importância capital que ela tem efetivamente; não para inscrevê-la como luminária, em programas políticos, invariavelmente estéreis; mas para que a resolvam, para que façam a difusão da instrução, urgentemente, como a hora o reclama.

Fale-se-lhes ao coração, recorra-se ao amor-próprio, lembrem-se-lhes as glórias e o renome com que a grande obra consagrará quem a realize; fustigue-se o egoísmo imediato desses que estão com a República – porque esta lhes pertence, invoque-se o instinto da própria conservação, mostrando-se-lhes que uma República, uma democracia, que deixa fora de si, indiferente e nula, a grande maioria dos indivíduos é monstruosa, não pode ser duradoura. Mostremo-lhes ainda que se, hoje, é bem difícil, já, o alcançarmos os outros povos no seu avançar para o progresso, mais difícil será depois, visto como nos retardamos à proporção que a civilização se acelera. Faça-se-lhes sentir, em suma, que não há outro meio de evitar o fracasso absoluto destes esboços de civilização latino-americana e que, no desastre final, serão eles próprios – os dirigentes – os mais infelizes. É pueril pensar em resistir eficazmente à Europa, formidável e avassaladora, só com metralhas e fuzis; seremos fatalmente vencidos e devorados; o exemplo bôer dispensa qualquer demonstração mais longa. Certo, é necessário que estejamos prontos a nos defender materialmente de qualquer ataque brutal; mas o essencial, como garantia efetiva, é constituirmo-nos nacionalidades adiantadas, caracterizadas, inassimiláveis. Demais, do próprio progresso intelectual e da cultura científica é que poderemos tirar os elementos de boa resistência material.

Dirijamo-nos a esses que, sinceramente, quiseram ver florescer na América do Sul uma democracia republicana, e nomeadamente aos raros, em nossa pátria, cujos corações estremecem às aspirações de liberdade – dirijamo-nos a esses, para que se esforcem nesta campanha, que é o bom e o único caminho para o ideal sonhado, e que, depois de proclamada a democracia, não a deixem condenar sem a pôr em prática. Aos que não conseguem ver o progresso senão concretizado na prosperidade material, apresentemos o cálculo do que se perde diariamente, de atividade superior e de trabalho inteligente, com estes milhões de indivíduos, cujos cérebros dormitam por aí, abafados no analfabetismo e na estupidez primitiva; que pensem no concurso que tais indivíduos poderiam trazer ao progresso e na cooperação ativa que eles não souberam dar – milhões de homens, de cuja existência nem as gerações atuais, nem as futuras jamais tirarão nenhum proveito!... Os Estados Unidos, a França, a Alemanha, a Bélgica, são nações prósperas e adiantadas... Sim, e esse progresso e prosperidade parecem bem naturais, quando se pensa nas dezenas de milhões de indivíduos que ali existem, aptos, efetivamente aptos, para a vida

complicada do nosso século. Hoje, o homem vale como inteligência – para o simples trabalho físico, há a máquina. Trabalhem por levar a todos a indispensável crença na eficácia das vontades livres e esclarecidas: liberdade para querer, inteligência para realizar. Propaguemos a convicção de que, assim, teremos obtido a vitória e garantido o progresso.⁹⁴

A política praticante é uma engrenagem terrível; não só desseca as almas, como estreita os pontos de vista; falseia o critério e o julgamento de tal forma, que nós vemos o comum dos militantes absorvidos por questões de um interesse social menos que secundário, indiferente aos assuntos capitais; as questões que verdadeiramente influem sobre a evolução da nacionalidade não são lembradas sequer. Ocupam-se de uns tantos detalhes, a que dão o pomposo nome de questões financeiras ou políticas, e o resto não tem valor. Para eles, que diariamente sobrecarregam as gerações futuras, contraindo empréstimos ou adiando dívidas, para que os vindouros as paguem – para eles, o preparo dessas mesmas gerações futuras não chega a ser uma questão política. Nem compreenderão; talvez, como um Montesquieu podia afirmar que a “educação – inclusive a educação intelectual – é o principal dever de uma República”. Apliquemo-nos em arrancá-los a este critério falso, e mostremo-lhes os grandes defensores do progresso a exigir para essa questão – Educação – a proeminência na política: Renan, o inspirado da tolerância, da bondade e da ciência, proclamando que “o fim da humanidade, e por conseguinte aquele a que se deve propor a política, é a mais alta cultura humana”; Zola, o artista da verdade e da justiça, afirmando que “a moral, como a política, se resume nesse grande lema: educar o povo”. Mostremo-lhes que, até hoje, os legítimos republicanos não mudaram de parecer quanto a este ponto. Que ouçam Bourgeois, sempre acatado entre os democratas franceses – que o ouçam dizer ainda agora: “A educação é a primeira e a última palavra da política”; que ouçam Clemenceau, jamais infiel à liberdade e à democracia: “A educação popular deve ser o princípio fundamental de toda política republicana”.

⁹⁴ “Se, num momento qualquer, os homens houvessem acreditado firme e dogmaticamente na própria liberdade, em vez de vir a crer nela tão lenta e imperceptivelmente, por um progresso que é talvez a essência do próprio progresso – desde esse momento, a face do mundo teria mudado bruscamente” (Renouvier).

E só não pensarão assim aqueles a quem a politicagem desvirtuou o julgamento. Que estes – os do Brasil principalmente – vençam por um momento a estreiteza do horizonte que os cerca, e vejam a situação moral desta sociedade, e reflitam no seguinte: a proclamação da República, francamente democrática, com exclusão por parte do Estado de qualquer doutrina religiosa, pressupõe desde logo a difusão do ensino verdadeiramente leigo-científico; a eliminação do dogma religioso como disciplina intelectual implica a extensão de um serviço público – a instrução; o homem – ente de razão – não pode existir moralmente sem ter essa base de equilíbrio mental, uma explicação qualquer sobre si mesmo, seu destino, suas origens, o mundo onde vive, a razão de ser das regras morais; é grotesca e insensata a explicação contida no dogma, em todo o caso, é uma explicação; vem a República, dispensa a disciplina religiosa, liberta as consciências... para deixá-las vazias, não tendo outro recurso, se querem satisfazer a esta necessidade normal do espírito – não tendo outro recurso senão absorver as insanidades e puerilidades católicas, ou andar por aí às tontas, até voltarem à animalidade primitiva, pois que os políticos não têm como necessário fornecer às inteligências em formação as verdades positivas e sãs, adquiridas pela ciência...

A vida como a antiga Tebas tem cem portas. Fecha-se uma, outras se abirão... Os tempos serão retificados. O mal acabará; os ventos não espalharão mais, nem os germes da morte, nem o clamor dos oprimidos, mas tão-somente a cantiga do amor perene e a bênção da universal justiça...

Machado de Assis

Não percamos esforço lamentando o que não se fez; vejamos o que é preciso fazer, e, para maior vigor na campanha, pensemos no que será este pedaço de mundo, quando esses muitos milhões de inúteis representarem unidades sociais efetivas, no concurso das atividades humanas. Em vez de esperar que os analfabetos, entusiasmados pela ciência, se combinem e se cotizem, e venham organizar escolas para si e para os filhos, ou que, desiludidos da própria ignorância, nos venham pedir instrução, vamos nós oferecer-lhes essa instrução, que eles desconhecem e que os reerguerá. Começemos pelo princípio: difusão do ensino primário. Espanejemos as inteligências, despertemo-las; é o caminho para chegarmos à educação integral. Forcemos a nota, numa campanha generalizada; chamemos à atividade quantas inteligências possam acudir ao nosso apelo; milhares de

leitores virão estimular a produção literária e a cultura científica, que, uma e outra, se refletirão por seu turno sobre o público, alargando-o cada vez mais, educando-o. Imprensa, revistas, círculos de estudos, bibliotecas, universidades populares – verdadeiramente populares, e não arremedos de academias, de onde o povo foge, e com razão. Para tudo isto devemos recorrer, e o êxito será infalível, contanto que não nos abandone, nem a convicção na excelência da nossa campanha, nem a tenacidade no esforço. Depois, a própria obra virá auxiliar aqueles que a conduzem; da cooperação das idéias nascerá a cooperação das vontades – é este um resultado incontestado da instrução. É um movimento que de si mesmo se acelera; da pura instrução intelectual, se desprenderão os princípios de educação técnica e moral, que tornam viáveis as democracias, formando-lhes cidadãos moralmente livres e úteis.

Já não se trata simplesmente da cultura intelectual, considerada nas suas aplicações práticas – a ciência a serviço da indústria; trata-se do papel da inteligência na constituição das sociedades atuais, e na formação dos séculos que se aproximam, noção que não devemos esquecer, porque a sociedade que pretende durar deve, não só organizar o presente, como preparar o futuro; assim o quer o interesse social bem entendido.

A ciência não é um regime, nem prevalece pela imposição; mas, por si mesma, ela conquista os espíritos e vence rebeldias; e nada mais salutar, porventura, do que ouvir, no desconcerto dos egoísmos estonteados, a sua palavra serena – luz pura e natural, sobre as inteligências que se perdem nesta agitação triste. Se o verdadeiro progresso consiste em transformar a natureza animal do homem em natureza social, nada tem concorrido mais para este progresso que a ciência, mesmo quando reconhece e demonstra a nossa verdadeira filiação na linhagem animal; porque, descobrindo esta verdade, ela descobre ao mesmo tempo que a perfectibilidade é inerente à própria vida, e que esses maravilhosos atributos de espírito, cuja cultura e apuro tanto almejamos, não são mais que a expansão de faculdades ainda embrionárias em outros tipos da série a que pertencemos, e onde representamos o grau de evolução mais elevado. Contemplando e medindo o progresso já realizado, podem o filósofo e o apóstolo esperar e antever todas as perfeições. Em tempo, éramos uns simples brutos, apenas conscientes; tornamo-nos homens, assenhoreamo-nos da Terra, criamos o céu, descobrimos a força e a inteligência, sonhamos a bondade e a justiça, inventamos a divindade, e enriquecemo-la com os nossos sonhos de beleza

e de virtude; hoje, dissipamos este céu ilusório, apropriamo-nos da força, reivindicamos a inteligência, apuramo-la; dilatamos o coração, lutamos para realizar na Terra esse paraíso de felicidade e justiça, que ontem nos parecia impossível neste mundo, e somos mais generosos e bons que a própria divindade; amanhã estaremos para lá de todas as utopias.

Viver é progredir, declinar já é morrer; a moral, o aperfeiçoamento, é a vida que se desenvolve. Mas, não esqueçamos, a vida não se deixa mutilar; quem não queira declinar tem de aceitá-la e vivê-la integralmente, ativamente. Viver é progredir, e progredir é agir eficazmente, dirigindo o esforço no sentido de um plano determinado, harmonizando os atos e as aspirações, dando à existência essa unidade de que é a própria beleza moral.

Aceitemos a vida integralmente; busquemo-la em todas as suas fontes de energia, que resumem não só as exigências materiais, como as necessidades intelectuais, afetivas e estéticas; restituamos estes grandes estímulos na proeminência do progresso. A necessidade de beleza – como o desinteresse na dedicação e a curiosidade de saber – é bem mais geral do que se pensa; mas não se pode exigir do miserável ignorante que sinta a harmonia de linhas do Partenon ou se extasie ao ouvir uma fuga de Bach; há belezas que só um preparo preliminar torna sensíveis. Não há nenhuma razão, porém, para que o gozo estético se faça o privilégio de um pequeno número; difunda-se a instrução, preparem-se os espíritos, e que a arte venha constituir uma função normal na vida, tal como o compreendem os seus grandes apóstolos modernos, os Ruskin e os Morris. A arte tem sido, e será, uma força na evolução humana, força prodigiosa, que alcança por igualo coração e a inteligência, desperta entusiasmos e cria admirações. Como o pão material, é preciso ao indivíduo, para que a sua harmonia moral seja completa, o alimento de verdade e beleza.

“O fim do homem” – já o pretendia Aristóteles – “é o seu aperfeiçoamento em vista da felicidade”. Bem-estar, saber, liberdade, amor e beleza – tais são as tendências que, em todos os tempos, têm arrastado a humanidade e, agora mesmo, a envolvem numa crise terrível, que terminará fatalmente pela reparação das seculares iniquidades; contra elas se empenham todas as almas generosas e fortes, todos os espíritos que desejam caminhar para a luz, a verdade e a justiça.

Atiremo-nos à ação; não esperemos que uma corrente fatal nos leve ao progresso; atiremo-nos à ação, como quem está convencido de que o

progresso e a felicidade se conquistam, e que só os alcançam os que os sabem conquistar. Busquemos da ciência os seus recursos eficazes, infalíveis; e, emancipados pela crítica, iluminados pelo saber, voltemo-nos à vida, confiantes e fortes, preparando para nós mesmos o conforto, a fraternidade, os gozos elevados, morais e estéticos; e esforçando-nos por transmitir às gerações futuras o esboço de uma felicidade mais perfeita. Será este o mais digno tributo que podemos oferecer à nossa pátria; destarte seríamos patriotas sendo ao mesmo tempo essencialmente humanos, que o único patriotismo compreensível e nobre é o que se traduz em melhorar as condições de existência dentro de cada país, solidarizando os indivíduos na luta pela vida, solidarizando as pátrias no sentido da civilização e da humanidade. Consagremos numa expressão superior essa necessidade de amar os horizontes e as paisagens que nos revelaram a natureza; demos uma significação moral a esse interesse natural pelas gentes que nos ensinaram a vida, pelas gerações que trouxeram o indispensável afago aos nossos afetos renascentes.

Nestes sentimentos, toda aspiração é nobre, e o coração, já ardente e vigoroso, mais se fortalece e se exalta na evocação do próprio sonho: por todo este continente, a liberdade e o progresso fraternizando os povos, na justiça e na beleza; a democracia excelsa sobre o futuro, serena, alegre e sã, olhando a vida e servindo-a, marchando para uma glória verdadeiramente humana, no concertante triunfal dos esforços felizes e fecundos, à luz de horizontes largos e puros, como esses que se desdobram pelas nossas cordilheiras.

Utopia... Utopia... repetirá a sensatez rasteira. Utopia, sim; sejamos utopistas, bem utopistas; contanto que não esterilizemos o nosso ideal, esperando a sua realização de qualquer força imanente à própria utopia; sejamos utopistas, contanto que trabalhemos. “Sem os utopistas de outrora, os homens viveriam, ainda hoje, nas cavernas, miseráveis e nus. São os utopistas que traçaram as linhas da primeira cidade. Dos sonhos generosos saem realidades benfazejas. A utopia é o princípio de todos os progressos e o esboço de um futuro melhor”.⁹⁵

Deixemos às gentes *conservadoras e refletidas* o condenar e desprezar a utopia – Marthas, absorvidas na banalidade comum, que o uso

já mecanizou; queiramos o que será a glória de amanhã: uma América feliz, na clemência do seu clima, no esplendor deste céu, inteligente, laboriosa e pacífica na comunhão social, meiga e fraternal na expansão natural da instintiva cordialidade, apartada dos egoísmos ferozes que aviltam outras civilizações. Que “os mortos enterrem os seus mortos”; voltemo-nos para a ação fecunda, demos à vida toda a nossa atividade, e ela nos levará para o progresso e para a vitória, como leva a árvore para o alto e para a luz.

⁹⁵ Anatole France.